



www.unila.edu.br

UNILA

## ESCRITA ACADÊMICA E ENSINO: A ARTE DE COMENTAR AS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS

Daniele Oliveira - UNIOESTE

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Márcia Sipavicius Seide – USP

**RESUMO:** Este artigo apresenta a explicação da base teórica estudada em minhas atividades de iniciação científica voluntária (IC-V) realizada entre os meses de março a julho de 2017. Tem-se como objetivo a aquisição de conhecimentos linguísticos, teóricos e práticos para o desenvolvimento de habilidades de avaliação, correção e revisão de textos acadêmicos escritos por alunos do primeiro ano do curso de Letras do campus de Marechal Cândido Rondon. No primeiro trimestre, foi realizada pesquisa bibliográfica das obras citadas nas referências as quais foram analisadas, comentadas e discutidas em reuniões presenciais com a professora orientadora; no segundo trimestre, foram realizadas atividades práticas de avaliação de textos elaborados por alunos do primeiro ano de Letras para a disciplina de História da Língua Portuguesa ministrada pela professora orientadora, no terceiro trimestre, a correção da aluna será avaliada e comentada pela orientadora visando o aperfeiçoamento das habilidades de correção; no quarto trimestre, haverá atividades de escrita e re-escrita de texto científico com relato da experiência e resultados alcançados e apresentação do relato em comunicação em evento científico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita acadêmica; avaliação de escrita; comentário instrutivo.

### INTRODUÇÃO

Pretendo, por meio deste artigo, mostrar os resultados de uma etapa de minha iniciação científica voluntária, a qual está sendo feita com o objetivo de obter conhecimentos linguísticos teóricos e práticos a fim de capacitar-me para corrigir e revisar textos dos alunos do primeiro ano da disciplina de História da Língua Portuguesa do curso de Letras em três habilitações, sendo estas: habilitação em Língua Portuguesa e uma língua estrangeira (língua alemã, língua espanhola ou língua inglesa) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná *campus* de Marechal Cândido Rondon.

Para tanto, seguindo as recomendações de minha orientadora, busco fazer reflexões sobre os aspectos composicionais e sociodiscursivos da constituição do gênero em uma produção situada, aprendidos a partir de ações pedagógicas e languageiras de escrita e reescrita. Inseri num texto produzido por um primeiroanista do curso de Letras juntamente com Ana e Maria (nomes fictícios) comentários que, inicialmente, não tinham um encaminhamento didático-pedagógico. Preocupamos-nos com o desenvolvimento da escrita no meio acadêmico, buscamos analisar os comentários feitos, mais especificamente o modo como eles são feitos.

Tendo em vista esses objetivos, explico como organizei as seções deste artigo. Inicialmente, busco apresentar o ofício de revisão textual, mostrar como esse trabalho pode ser mais complexo do que as pessoas normalmente imaginam, bem como apresentar alguns aspectos que influenciam a tomada de decisões do revisor, considerando que é uma das tarefas que serão realizadas por mim na segunda parte da iniciação científica e, depois, como monitora da disciplina de História da Língua Portuguesa. Então, apresento a fundamentação teórica e, depois, contextualizo a teoria com os textos dos alunos, apontando que, na intenção de aprimorar suas noções de escrita, é preciso que a intervenção pedagógica docente seja feita baseada no que chamo de encaminhamento completo de comentários, considerando que, ao inserir meus comentários, em seus textos é preciso ser criterioso e não pedir para que o aluno realize, por conta própria, modificações para as quais, ainda, não têm

habilidade e conhecimento.

## **A REVISÃO TEXTUAL: CONHECENDO ESSE TRABALHO E SEUS CRITÉRIOS ESSENCIAIS**

De modo geral, tanto leitores quanto escritores acreditam que o papel do revisor consiste na tarefa de fazer correções gramaticais e ortográficas nos textos conforme o uso da língua padrão. (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 205). Contudo, fazer este tipo de correção é apenas uma de suas tarefas. Assim, é importante que se conheça melhor esse profissional, e como seu trabalho deve ser realizado para que possa ser feito em benefício dos escritores, tendo em vista que há muitas pessoas que, por insegurança, acreditam que não tem domínio suficiente da linguagem escrita para escrever textos que possam ser publicados. Para essas pessoas, poder contar com o trabalho do revisor é visto como essencial para tornar os textos publicáveis.

Conforme já mencionado, muitas vezes, espera-se do profissional cuja tarefa é a revisão textual a correção daquilo que se considera errôneo do ponto de vista da gramática normativa em uma produção textual. As pessoas costumam desconhecer o ofício que envolve a revisão textual. Esta concepção, conforme Brito, é comum, inclusive entre revisores

De modo geral, os revisores atuam exatamente na construção de um modelo de língua em que prevalece a ideia de um princípio legislativo – de uma lei escrita. O papel do revisor, para ele próprio (mesmo não dizendo), não é contribuir para que o autor do texto escreva o que quis dizer do jeito que quis (...), mas o de ajustar o texto a um hipotético padrão “oficial”. (BRITO, 2003, p. 84).

Na verdade, existem campos de atuação desse profissional na qual o ofício se limita à correção ortográfica e gramatical, conforme descreve Oliveira na citação abaixo, porém, esta é apenas uma das modalidades desse trabalho:

Não há nada inerentemente errado no ato de apenas corrigir um texto. Essa prática é muito comum em empresas de grande porte. Antes de enviarem um documento para alguém ou de publicarem um texto. Antes de enviarem um documento para alguém ou de publicarem um texto em jornais e revistas, as empresas designam a um funcionário, às vezes com a função exclusiva de revisor textual, a tarefa de buscar erros e corrigi-los. Chama-se essa prática de revisão textual. (OLIVEIRA, 2010, p.164).

A tarefa desses profissionais integra, além desta, mais atuações: itens relacionados à apresentação visual e material do texto; às questões normativas que envolve as normas bibliográficas e editoriais e ainda, a revisão temática, em que se verifica o conteúdo textual e seu direcionamento social. Alguns aspectos influenciam a tomada de decisões para revisar, “dentro da revisão textual serão ampliados os escopos de análise para questões concernentes à textualidade, ao gênero textual, ao seu suporte e esfera de circulação (...)” (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 207)

Para dar conta destas tarefas, podem ser utilizadas algumas ferramentas de revisão textual, entre as quais se destacam aquelas que estão fundamentadas tanto nas propriedades de um texto bem formado quanto nas exigências do gênero discursivo no qual o texto a ser revisto precisa estar enquadrado. Enquanto o estudo daquilo que faz com que um conjunto de orações seja percebido como um texto remonta à Linguística Textual, a noção de gênero remonta aos estudos bakhtinianos.

A seção seguinte explicita estes conceitos tendo em vista sua importância para a compreensão do trabalho do revisor de textos.

## PENSANDO EM TEORIAS PARA ESCREVER

Em sua definição de gênero Bakhtin (1992) faz considerações acerca da interação verbal, fundamentando-se na associação entre língua e sociedade. Bakhtin argumenta que os diferentes usos linguísticos estão atrelados a distintos âmbitos sociais, as chamadas esferas de atividades

Seguindo essa linha de raciocínio, Coelho e Antunes (2010, p. 208, *apud* MARCUSCHI 2002, p.19) apontam que os gêneros são mutáveis atendendo as necessidades comunicativas do dia a dia. Cada gênero com sua própria característica. Por exemplo, um artigo de opinião, uma lista de compras, etc, e suas particularidades. Cabe ao revisor, considerar se esse texto cumpre sua finalidade.

Com relação à textualidade, conforme apontam Coelho e Antunes (2010, p. 208, *apud* COSTA VAL, 2004), é necessário prestar atenção na forma e no conteúdo, assim como nas circunstâncias pragmáticas, ou seja, analisando a linguagem considerando seus contextos de uso e a intenção do falante. É preciso também atentar para os fatores de textualidade propostos por Coelho e Antunes (2010, p. 208-209, *apud* BEAUGRANDE e DRESSLER 1983) apresentam sete fatores responsáveis por assegurar a textualidade de um discurso: a coerência, a coesão, a intencionalidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade.

## FUNÇÃO PEDAGÓGICA DOS COMENTÁRIOS NAS REDAÇÕES ESCOLARES

No contexto de ensino-aprendizagem, na universidade, os professores pedem aos seus alunos a produção de textos, para averiguar a competência de compreensão leitora e se ele é capaz de ter um posicionamento crítico a respeito do que lê. Alguns professores inserem comentários nos textos dos alunos para orientá-los na tarefa de refação textual. Para tanto é preciso ao professor perceber o que pode ser melhorado nos textos, algo também necessário ao revisor de texto. A diferença entre as tarefas do revisor textual e a do avaliador de texto escolar é que enquanto o primeiro percebe o que pode ser melhorado e interfere no texto providenciando os ajustes necessários, o segundo não interfere no texto, mas descreve ou sugere o que pode ser melhorado para que o aluno interfira no seu próprio texto. Para fins de treinamento na tarefa de avaliar textos escolares, foram feitos ensaios de avaliação via adição de comentários em textos produzidos durante a disciplina de História de Língua Portuguesa ofertada no primeiro semestre de 2017. Eu e duas professoras universitárias participamos do ensaio. Na sequência, apresento a análise de um recorte do corpus.

Uso, no decorrer das análises, além dos meus comentários, acadêmica do segundo ano do curso de Letras, as contribuições feitas por Ana e Maria (nomes fictícios), professoras universitárias que estão cursando mestrado e doutorado em escrita acadêmica.

Pensando na função pedagógica dos comentários nas redações escolares objetivo analisar o encaminhamento desse(s) comentário(s) afim de perceber a melhor maneira de contribuir com a produção escrita dos alunos. Os comentários inseridos têm, como finalidade, proporcionar a construção de conhecimento acerca dos aspectos constitutivos do texto em debate. Refletindo sobre os aspectos composicionais Desse modo, o aluno tem papel ativo atuante e o professor é o mediador para que haja a produção de conhecimento.

Conforme nos explica Souza e Silva (2017, p. 61, *apud* MATENCIO 2002; 2003; 2004) a escrita acadêmica opera em diversas ações de textos escritos produzidos a partir de outros textos escritos. O texto fonte sobre o qual os alunos precisaram escrever é um artigo de Gladis Massini Cagliari (2011) “Adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeiras: comparação entre Português Arcaico e Português Brasileiro”. A leitura e escrita integradas fazem parte da realidade da disciplina de História da Língua Portuguesa, os alunos precisam ler artigos e escrever sobre eles breves dissertações, posto que a escrita funciona como uma ferramenta pedagógica de busca de uma melhor compreensão dos textos que abordam assuntos complexos utilizam linguagem acadêmica na qual há termos da linguística que os alunos desconhecem.

A análise é feita seguindo passos de um roteiro avaliativo, em que constam 10 itens de

apreciação do texto. Dentre estes: se há introdução, se informa ao leitor de onde provêm as informações, se as ideias estão bem concatenadas, no que se refere ao conteúdo do texto, preciso verificar se há informação suficiente proveniente do artigo, sobre o estilo do texto e o sistema notacional, preciso averiguar se há citação e se está correta, observar, ainda, se o texto tem erros de digitação, ortografia ou concordância.

Começo a análise comentando sobre o título “Antropônimos e o multiculturalismo”. Comparando minha correção com as das professoras, noto que não faço nenhum comentário, enquanto Ana insere o seguinte comentário: “De que forma o título se relaciona com o texto?” Esse tipo de comentário faria o aluno pensar.

Já, o comentário feito por Maria revela um encaminhamento pedagógico que parece ser mais fácil de ser seguido pelo aluno, ela inicia elogiando, depois aponta o que precisa ser melhorado, instrui o aluno mostrando que o título precisa ser mais abrangente e finaliza o comentário recomendando colocar algo que tenha relação com a linguagem. “É um bom título, mais precisa ser melhorado, de modo que abranja mais o assunto do texto, incluir algo relacionado à língua(gem) será pertinente.

Depois, no início do primeiro parágrafo, eu insiro o seguinte comentário: “Falta defender um ponto de vista, ou seja, uma tese. Parece que não há neste parágrafo, assim como em todo o texto partes subjetivas em que você critica e defendo o que leu e compreendeu, relacionando com seus conhecimentos. Leia novamente o aporte teórico e escreva seu ponto de vista”. Eu comento que falta contextualizar não comento o que falta exatamente, também não instruo meu aluno sobre o que fazer e como fazer. É nesta situação que, peço ao aluno fazer uma modificação a qual, ainda, não conseguirá sozinho pois, não têm habilidade e conhecimento, ainda peço a ele para defender uma tese mas pensemos, será que esse aluno do primeiro ano sabe o que é uma tese e como defendê-la?

Ana, sobre o mesmo trecho comenta: “Escreva um parágrafo apresentando o assunto previamente, referencie o artigo de Gladis Massini”. Já Maria escreve o seguinte: “Inicie o texto de outra forma, não justificando, mas introduzindo o assunto. Mencione o assunto do texto (coloque datas, momento histórico...), discorra um pouco sobre e, então justifique.” Observo que Maria orienta o aluno a citar o assunto do texto como, por exemplo, mencionar datas e momento histórico. Percebo que o comentário com o propósito de contribuir na evolução escrita do aluno precisa ter uma conjuntura pedagógica, que chamo de encaminhamento completo de comentários. Primeiramente, posso elogiar um aspecto que está bom, para que o aluno consiga também perceber os pontos fortes da sua escrita, depois preciso apontar claramente o que pode/precisa ser melhorado. Depois de comparar os comentários, percebi que quando digo que falta contextualizar estou sendo muito implícita para meu aluno, ele pode não entender que o parágrafo, neste caso, precisa ser uma breve introdução do assunto. Depois, devo instruí-lo, seguindo as recomendações de Ana usando o verbo imperativo como por exemplo: coloque, faça, mostre, entre outros, sendo direta, não “adocicando” o conselho, mas mostrando objetivamente o que fazer e como fazer. Foi isto que Maria fez no comentário: em que ela propõe ao aluno citar o assunto.

Relendo o comentário, noto ainda que foram apontados, neste caso, aspectos de estrutura textual, e não gramaticais. Como esses textos vêm de outro texto, o texto fonte (TF) que é o artigo de Cagliari, é importante para dar maior credibilidade, citar essa fonte.

No segundo parágrafo do aluno, há pistas linguísticas que evidenciam a compreensão do TF por parte do aluno. “Os milagres descritos nas CSM ocorreram por vários lugares diferentes da Europa e não só na Península Iberica. Por isso, as cantigas apresentam nomes próprios de pessoas e lugares de diversas origens, desse modo, não necessitam de adaptações.”

Lendo o parágrafo, é possível perceber que existe uma tentativa de colocar raciocínio, segundo Ana. Eu comento que é preciso apresentar mais argumentos, na tentativa de ser mais persuasivo, e ainda recomendo argumentação por citação, comprovação ou raciocínio lógico, tomando uma posição a respeito do que está sendo discutido: “De modo geral, o texto está bem informativo, apresentando um conteúdo acerca do assunto. Isso é bom. É preciso apresentar mais argumentos, ser mais persuasivo. Argumente por citação, comprovação ou raciocínio lógico, tomando sua posição a respeito

do que está sendo discutido.”

Relendo o meu comentário, começo a considerar que o aluno que escreveu o texto é um aluno do primeiro ano, recém saído do Ensino Médio, muitos deles podem não ter os conhecimentos necessários para entender o meu comentário. Retomo aqui o que foi dito anteriormente, incluir comentários que pressupõe um conhecimento que o aluno não tenha, é preciso cautela, principalmente na maneira de expressar esse comentário.

Há também, no texto do aluno, uma ocorrência de plágio. Como falar do plágio para meu aluno iniciando a vida acadêmica? Os alunos recém-saídos do Ensino Médio, muitas vezes, nem sabem o que é o plágio, como ele está presente no universo acadêmico e suas consequências. É preciso abordar o plágio mostrando como ele é “um problema textual” (FAIRCHILD, 2017, p. 221) mostrando que quem está escrevendo pode não ter compreendido o que leu.

No último parágrafo, eu escrevo: “Redija um parágrafo finalizando o texto. Escreva a conclusão, um resumo forte e breve de tudo o que foi dito, cabe também a essa parte responder à questão proposta inicialmente, expondo uma avaliação final do assunto.” E Maria faz o seguinte comentário: “Você precisa concluir o seu texto. Você traz uma importante informação, que diz respeito aos nomes adaptados, mas não conclui o texto. Escreva um parágrafo final que justifique o apresentado e associando isso às adaptações.” Comparando esses dois comentários entre si, percebo que ambos apontam o problema, neste caso, que falta concluir, depois, há uma instrução direcionando o aluno a repensar o tema.

Considerando tudo o que discuti até agora, concluo, portanto, que é fundamental que os alunos consigam intercalar escrita e leitura, de modo que aperfeiçoar sua competência de compreensão sobre o que lêem. Ao passo que a tarefa do professor- revisor, quando for necessária a inserção de comentários, que se faça seguindo alguns critérios facilitadores, que são eles: Mencionar o problema, e dar uma instrução com clareza, não deixando de elogiar, caso seja necessário. Como podemos perceber, existem alguns comentários que atrasam o processo de evolução da escrita dos alunos, portanto, devo sempre ter o cuidado para não pedir ao aluno realizar tarefas das quais ainda não tem conhecimento e habilidades. Assim, facilito o processo de mediação, para que os acadêmicos possam adquirir gosto pela escrita acadêmica e buscar sempre escrever sobre seus conhecimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de inserir comentários em um texto escolar visando sua refacção por parte do aluno e compará-los como os comentários de professoras experientes me ajudou a perceber a complexidade desta tarefa pedagógica. Essa etapa ajudou-me bastante a amadurecer dentro do meio acadêmico, pois futuramente realizarei esse trabalho com os alunos, precisei aprender a me colocar no lugar desses alunos iniciantes na academia, assim como absorver toda a teoria estudada e vê-la funcionando na prática de avaliação textual.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, L. B.; COELHO S. M. Revisão textual: para além da revisão linguística. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n 26, 1º sem. 2010, p.2015-224.
- FAIRCHILD, T. M. Da interpretação à apreciação: a autoria acadêmica no novo contexto do novo produtivismo. *Revista Trama*, v. 13, nº 28, 2017, p. 213-239.
- OLIVEIRA, E. F. Letramentos acadêmicos: Abordagens sobre a escrita no ensino superior e a prática do gênero resenha crítica. *Revista Trama*, v. 13, nº28, 2017, p.119-142.
- RIZATTI, M. E. C.;MOSSMANN, S. S. A formação, na escritura acadêmica, do formador para a escritura escolar. *Revista Trama*, v.13, nº. 28, 2017, p. 179-212.



SANTOS, D. O. B. Letramento acadêmico: representações de ingressantes acerca da escrita. *Revista Trama*, v. 13, nº 28, 2017, p. 86-118.

SOUZA, C. R. R.; SILVA, W. M. *A resenha como produto de retextualização em (re)escrita acadêmica*. *Revista Trama*, v. 13, nº 28, 2017, p.54-85.

WALKER, L. C. V. Resenha: NOLL, V. O português brasileiro: formação e contrastes. São Paulo: Globo, 2008. *Cadernos de Letras da UFF-Dossiê: Linguagem, usos e ensino*. nº43, p. 187-194, 2011.